

## DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO, POR JOÃO ANTÔNIO NETO

Segundo a tradição, quem inventou a Academia foi PLATÃO, só que a sua se reunia nos jardins de ACADEMO, herói mítico da Ática, e se destinava unicamente a tertúlias dos filósofos e matemáticos. ...

Nos tempos modernos, quem a reinventou foi o Cardeal de Richelieu, em 1635 – e a Academia Francesa é que serviu de modelo para a implantação da Brasileira de Letras, em que, aliás, teve merecido assento o nosso querido Arcebispo, Dom Aquino Corrêa.

A Academia Brasileira de Letras, além de ser muito rica, pois possui substancioso patrimônio imobiliário no Rio de Janeiro – é uma casa de requintes e rituais muito severos, como o chá das quartas-feiras, fardões e espadins, e a coroa de louros do seu lema cativante: *ad immortalitatem* – rumo à imortalidade !

Nossa Sociedade Oficial de Letras é muito mais modesta.

Não possui rígidos cerimoniais, nem nunca se fechou ao ingresso das mulheres. Temos apenas esta Casa, espécie de pardieiro arrumado, sem lustres nem florões, sem marfim nem cristais. Em vez do louro, que remonta aos olímpicos helenos de Péricles – talvez quando muito, pudéssemos usar uma penca sangüínea do vital e estimulante guaraná amazônico.

Nosso fardão é o vulgar e prosaico paletó, sem festões e alamares de ouro e lã. E como singelos guardiães das letras matutas, não possuímos espada, nem outros instrumentos de nobreza, galhardia, ou beligerância festiva da inteligência galante. ...

Até mesmo – e paradoxalmente – nossa *imortalidade* é transitória, como a dos míseros e ordinários mortais, sem nenhuma veleidade à sobrevivência dos eleitos dos deuses. Somos efêmeros como as rosas, embora nem sempre encantadores quanto elas. ...

Eis aí a que se reduz o nosso esplendor – pequenos pontos de luz ou moléculas de esporádicas nebulosas perdidas no vazio cósmico.

Senhor Carlos Gomes de Carvalho,

É para este tugúrio, para essa condição e para esta convivência que o senhor está sendo convidado e é recebido esta noite.

Nada temos – como vê – de pomposo e aristocrático para outorgar-lhe - a não ser a concha acolhedora da nossa simpatia e a efusão jubilosa das nossas almas .

Mas, veja bem: toda esta humildade e pobreza exterior, pode ser a

maneira mais simples e mais honesta de fazer fulgirem os méritos autênticos e os valores egrégios, e, pelo menos, como diria FERRE MILLE, a prova de que existe em nossa terra outros poderes, além do dinheiro e da política.

Também aqui, não constituímos uma vanguarda da glória, nem a perseguimos, porque ela não é simplesmente de quem a quer, mas unicamente de quem a merece. Quando muito, procuramos realizar, nas Ciências, nas Letras e nas Artes, um pouco do necessário para oferecer aos que ainda crêm na força do espírito e na fascinação da inteligência .

Somos, pois, senhor Acadêmico, um pequeno agregado de romeiros, decididos a levar, até os últimos limites, aquela fúlgida centelha das meditações intelectuais, que têm dado continuidade moral e emocional à consciência da vida e do destino .

E, conscientes das nossas limitações, é que procuramos trazer para nosso convívio companheiros que possuam atributos capazes de nos dar mais forças, e reacender nossas energias, dispostos a emprestar seu vigor operante a essa árdua labutação de ver, refletir e escrever .

Por vários motivos, sua convocação para a Academia Mato-Grossense de Letras vem trazer uma considerável contribuição ao prestígio desta Casa, enriquecendo-a e fazendo patente o seu propósito de abrir este átrio das Letras, às legítimas vocações para os grandes ofícios da inteligência e da atividade viva do engenho criador.

Além do mais, meus senhores, o novo Acadêmico, não é apenas o professor, o jornalista, o pensador político, o conferencista e o poeta – é também apóstolo militante da Natureza, como ecologista insigne, vinculado às hostes sacrossantas de defesa do meio-ambiente que, a cada dia se desintegra e se degrada, levando a vida à beira do caos e do aniquilamento.

Razões de sobra, pois, teve este sodalício em chamar para suas fileiras o jovem companheiro que, num dia providencial, transpôs as barrancas goianas do magnífico Araguaia para vir integrar-se a Mato Grosso, a que tem dado o melhor do seu lúcido pensamento e da sua atividade multiforme.

Carlos Gomes de Carvalho é formado em Direito pela Universidade de Uberlândia e em História pela Universidade Federal de Goiás, tendo igualmente cursado dois anos de Economia. Fez cursos de especialização na Espanha, participando ainda de inúmeros Seminários, Simpósios e Ciclos de Estudos, em Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Brasília, e Rio de Janeiro. Como divulgador e conferencista, seu temário é substancial e vasto, cobrindo os domínios do Direito, da História, da Literatura e da Ecologia, Economia e Filosofia .

Além de estudos sobre História, Poesia Moderna e Ciência Política,

ressalto duas obras capitais da sua bibliografia, que são: *A Arquitetura do Homem e A Natureza Pede Socorro*. A primeira, uma seleção de poemas, com 129 páginas, publicada em Cuiabá, em 1980, pela Edições Mato-Grossenses Ltda; a segunda, um vigoroso ensaio de 196 páginas, editado em 1976, pela Editora Oriente, de Goiânia – livro este, por sinal, premiado em concurso, promovido pelo Banco do Estado de Goiás, sobre as *Causas da Extinção da Fauna e da Flora e Motivos para sua Preservação*.

A publicar, o novel Acadêmico promete: *Estudo de Direito Ecológico, Dicionário de Direito Ecológico e Introdução ao Direito Ecológico*, além de ensaio sobre *Os Sertões do Oeste*, e mais um livro de poesias, os *Cantares da Terra*.

Como se percebe, a bagagem científico-litéria de CARLOS GOMES DE CARVALHO está marcada por multiforme inquietação intelectual e, como veremos, essa polivalência nada perde em profundidade, dentro da extensão em que se exprime .

Em qualquer dos departamentos do seu trabalho múltiplo, há uma tônica invariável: a densidade de pensamento. Não está aí, somente um autor que produz abundantemente – mas, ainda, um escritor que, além de escrever cristalinamente bem, vai ao cerne dos temas, suscitando indagações finalísticas .

A propósito deve-se realçar bem esta característica dos escritos de Carlos Gomes de Carvalho – porque já andamos cansados de escritores epidérmicos, os superficiais palavrosos, vazios de substância e interesses analíticos, como se, escrever, fosse apenas uma operação artesanal de juntar palavras, sem a preocupação de formar ideais. Neste ponto a obra do novo Acadêmico demonstra uma grande maturidade – pois, toda ela tem o timbre da seriedade mais completa, jamais perdendo a busca de conteúdo raciocinado e discutido.

Mas, façamos um exame – embora ligeiro, como o momento exige – dos dois principais livros de Carlos Gomes Carvalho.

Em *A NATUREZA PEDE SOCORRO* estamos diante de uma obra pioneira no Centro-Oeste, ponto em que, aliás, as urgências por um aproveitamento racional e não predatório da Natureza, está a exigir a atenção redobrada de todos os homens previdentes deste País .

A devastação indiscriminada de nossos ecossistemas, está levando rapidamente nosso meio físico e biológico à ruína iminente. Os rios são poluídos, as matas são arrasadas, as queimadas devoram a terra nutriz, e as espécies animais são dizimadas impiedosamente – tudo em nome do progresso técnico, da necessidade de produção ou de simples vandalismo

esportivo. Destruir a Flora e a Fauna parece ser o objetivo final dos novos incautos pioneiros do iminente Terceiro Milênio .

Temos bem aqui, à nossa frente, o drama do Pantanal, entregue à fúria dos demolidores da Natureza, para os quais a vida hodierna se resume em estender sobre a terra o domínio do homem produtivo, olvidando-se o fato de que a esterilização do espaço ambiental é também o começo do fim da espécie humana.

Os senhores sabem que o problema não é somente nosso – é universal, requerendo, por isto mesmo, os cuidados da humanidade, como um todo. O que está em risco não é esse ou aquele setor do planeta – é a Terra inteira – e o pior é que os focos de contaminação, em vez de serem detidos e extintos, são alimentados e fomentados – como se, diante da catástrofe próxima, nada realizássemos para conjurá-la e tudo fizéssemos para seu sucesso destrutivo .

Pois bem, é para esses problemas gravíssimos que Carlos Gomes de Carvalho volve seu instrumental de análise e advertências, procurando, como diz o *Jornal do Brasil*: *sair dos limites meramente científicos de análise, para conquistar a própria preocupação do povo* .

Carlos Gomes de Carvalho entende mesmo que a questão ecológica deve inserir-se dentro de uma política global de Governo, isto é, ao lado de outras preocupações governamentais, como os impostos e a greve, os direitos humanos e a educação, dever figurar, em pé de igualdade, a preservação do meio-ambiente. E não há dificuldade alguma em aceitar esta tese, porque ela se explica por si mesma: De que valeriam todas as garantias de direitos fundamentais sobre a vida, a liberdade, a segurança e a propriedade, numa terra comburida, envenenada, desertificada, inteiramente imprestável para a sobrevivência do homem?

E o escritor conclui, na página 143: Estamos firmemente convencidos de que a Ecologia tornar-se-á, num futuro não muito distante, a ideologia nacional por excelência. A formulação política que deverá congrega, como único objetivo, os esforços de todos e que será o elemento polarizador das esperanças de desenvolvimento integrado na nação brasileira .

O trabalho se encerra com *PRIMAVERA*, de Carlos Drumond:

*É forçoso que algum celebre,  
O ímpeto juvenil da Terra  
mesmo poluída, desossada,  
a terra assim mesmo, seiva nossa.  
E te ofereço, Primavera,  
a arvorezinha de brinquedo*

*em páteo escolar plantada.  
enquanto lá fora se ensina  
como secar fontes de vida,  
como derrubar, como queimar,  
para erigir a nova ordem  
do Homem Artificial.*

Aliás o fecho de um livro de Ecologia, não devia ser outro: Poesia. A Ecologia – a epopéia da angústia humana diante da agressão brutal ao ambiente – esse grande útero redondo onde se insere a placenta da vida.

O ecologista é substancialmente um poeta – o profeta denunciador, no canto agônico, da destruição da vida – que é também a destruição da harmonia e da beleza .

- Que é lamentar uma árvore morta, pelo fogo ou pelo machado, senão defender o ambiente físico, como ainda externar um estado de alma – Daí não terem razão aqueles que julgam impossível o cientista conviver com o poeta. Citando ao acaso, dois dos maiores poetas modernos do Brasil, Luís Carlos e Joaquim Cardoso, eram, um engenheiro e o outro matemático.

Fica bem, assim, ser o exímio ecólogo também eminente poeta – ou *construtor de esperanças*, como ensina o próprio Carlos Gomes de Carvalho.

Além de trabalhos esparsos e inéditos, temos às vistas o seu livro, de 1980 – o já referido *ARQUITETURA DO HOMEM* .

Trata-se aqui, realmente, de um arquiteto, de um construtor , – ou se quiserem – de um carpinteiro das formas e das essências. A escolha que faz, das palavras – já realçado por um crítico – é feita sob medida exata, para exprimir o que há de rígido ou elástico na idéia concebida. Não há termos inúteis – apenas o suficiente para oferecer completamente ou sugerir de leve:

*Se me calo  
trago em mim  
a semente do tempo  
Se falo  
transponho em mim  
as fronteiras da vida.*

Na arquitetura de Carlos Gomes de Carvalho, o homem, aqui, está à procura do sentido da vida, dentro da luta contínua e sob a luz da esperança. É uma poesia também compacta – atravessada de sínteses que, às vezes, inserem poemas dentro dos poemas:

*Tão breve o amor  
tão longo  
e difícil  
o esquecimento. (p. 47)*

Em vários momentos, muito felizes, o poeta, maliciosamente, procura escamotear a própria angústia, despistando o leitor, como em *EXÍLIO*, onde todo o sentido do poema está nos curtos estribilhos e não propriamente no corpo maior da composição:

*Fugi do tempo  
perdi o tempo  
eu exilado em mim  
Fugi de mim  
perdi a mim  
eu exilado do tempo  
Eu exilado de mim  
fugi do tempo  
perdi a mim .*

A poesia textualmente lírica, intimista, atravessa todo o livro – porém procurando esconder-se por trás dos temas filosóficos, do tempo e da condição humana; mas, mesmo assim, aqui e ali, aflora a pura poesia sentimental, em linguagem acessível, de água límpida. Vejam:

*Que me perdoes  
os instantes não vividos  
na interrogação do teu amor  
Os momentos que esqueci  
em tão longas e fúteis  
divagações retóricas  
amada, que me perdoes*

*Pelas horas que passei  
amando-te tão de repente  
e por não me ter quedado  
às sombras dos teus seios  
silvestres morangos  
e por não me ter consumido  
sôfrego e lânguido  
sob o fogo dos teus lábios  
Que me perdoes*

*Quero que me perdoes, amada  
os sonhos que agonizaram  
ao amanhecer,  
e ao crepúsculo  
negacearam renascer  
cumprindo o itinerário  
onde perluziam sóis no teu sangue  
– estuário rompido de vida e de dor*

*arcabouço de sonhos e angústias –*

e

*ainda, amada,  
pelas lágrimas errantes  
que navegando no suspiro mais profundo  
do luar  
feneceram em cada madrugada  
por tudo isso,  
e, por muito mais ainda,  
amor  
peço-te que me perdoes. (pág.68)*

Outro exemplo do mesmo lirismo, está em

#### *DESPEÇO- ME*

*E quero que partas  
Com o suor do meu rosto  
impregnada*

*E quero que partas  
marcada pela estrela da manhã  
e rompas a distância  
como rompi teu corpo*

*Quero que partas  
ao meio  
a saudade*

e

*ao irromper o crepúsculo  
hás de saber  
por inteiro  
que de permanente  
ficará o termos amado  
o transitório*

*Quero que partas  
só então hei de saber  
se partes grande:  
eis que contigo me vou  
ou se pequena partes:  
eis que aqui me abandonas.*

A escassez do tempo nos impede de explorar com mais detimento o esplêndido universo poético, que aí apenas entreabri.

Mas creio que a amostra foi suficientemente expressiva para revelar

que o cientista nada perde em merecimento para o poeta – antes os dois se interfundem até na temática do plano físico com os relevos subjetivos da poesia lírica.

Que, aqui – onde de agora em diante terá o seu sólio especial de representante dos sistemas de integração entre os seres vivos e o meio – também se assente o poeta – completando o quadro raro de dois extremos que, ao se tocarem, fundem experimentação e sentimento; razão e emoção; análise e sensibilidade – formando a grande síntese operacional do pensamento omnicriador .

Unam-se cérebros e mãos, para se verificar o mundo em construção –mas junte-se a isto ao menos um pouco de poesia, para se ter o mundo que sobreviverá – porque a Poesia é o sopro vital da conspiração do eterno. O Poeta será *O Rouxinol da Eternidade* (Vargas Vila) .

Inútil querer apenas esse concreto, geométrico e matemático, porém imóvel e frio – porque o homem só revelará sua dimensão transcendente, pelo ideal que fecunda a esperança, e pela imaginação – fio que liga o espírito a seu módulo divino.

Senhor Carlos Gomes de Carvalho, receba nossa boa-vinda, que é também compromisso nosso de colaborar na obra de socorrer a Natureza – e de reconstrução do homem com os remédios milagrosos da santidade da Poesia e da sabedoria do amor!